

O percurso, o concurso e o curso: as condições de possibilidade do próprio privilégio

Leonardo Melo Lins

Lucas de Matos Sardinha Pinto

Graduandos do curso de Ciências Sociais / UFMG

Palavras-chave: Vestibular; Sociologia da Educação; Perfil de Estudantes

Key Words: Vestibular; Sociology of Education; Students Profile

RESUMO: A elaboração de "perfis" é comumente adotada nas ciências sociais. Para tanto, o survey é o método mais utilizado. Porém, há uma gama variada quanto às intenções no emprego desse instrumento. Em alguns casos busca-se um "perfil fotográfico" que ilustre características de populações. Em outros, no entanto, o objetivo é alcançar explicações causais dos fenômenos. Dessa forma, o alcance de diferentes objetivos a partir de uma mesma metodologia demanda muitos cuidados, mas que são comumente negligenciados por adeptos do referido método. O estudo pretende fazer uma discussão teórica a respeito da utilização dos "perfis", argumentando que de um modelo ao outro é necessário operar uma inversão lógica do princípio norteador desses estudos, uma vez que não é a estatística que cria o perfil, mas, ao contrário, é este que nos fornece possíveis regularidades que constituirão, posteriormente, as estatísticas. Para tal objetivo, usamos um estudo de caso sobre as condições de acesso a UFMG.

ABSTRACT: The "profiles" elaboration is usually adopted in the social sciences. For that, the survey is the method most used. But there is a range intention regarding the employment of this instrument. In some cases the aim is the "photographic profile" that illustrates characteristics of the population studied. In others, however, the aim is to reach causal explanations of the phenomena. Thus, the range of different aims on the same methodology demands many care, but commonly overlooked by supporters of both method. The present article intend to make a theoretical discussion of the profiles uses arguing that from one model to another it is necessary to bring about a logical inversion on the guiding principle of these studies, since it is not the statistics the create profiles, but unlikely, the profiles is the one that give us possible regularities that will form, later, the statistics. For that aim, we use a case study about the conditions of admittance of the Federal University of Minas Gerais.

"Como posso seguir uma regra?" – Se isto não é uma pergunta pelas causas, é então uma pergunta pela justificação para o fato de que eu ajo segundo a regra assim. Se esgotei as justificações, então atingi a rocha dura e minha pá entortou. Estou então inclinado a dizer: "é assim que eu ajo".
(Ludwig Wittgenstein)

Introdução

O trabalho ao qual este artigo se refere é fruto de uma das atribuições do Programa Monitoria de Graduação da Faculdade de Educação/Departamento de Ciências Aplicadas à Educação, no qual um dos objetivos é traçar o perfil sócio-econômico dos alunos do primeiro período do curso de Pedagogia. Nesse, empreendemos uma pesquisa em duas etapas: na primeira, buscamos uma caracterização objetiva da condição dos alunos, isto é, a aplicação de um questionário que foca em três frentes, a saber, o indivíduo, a família e situação escolar; na segunda etapa, o objetivo é captar os discursos dos próprios indivíduos acerca desta caracterização objetiva. Dessa forma, como demonstrado, o Perfil elaborado é resultado de uma confluência de metodologias: uma primeira parte terminantemente estatística, seguida de uma segunda de caráter subjetivista, estruturada a partir de entrevistas qualitativas. Esse uso de duas metodologias se fez preciso tendo em vista

um debate maior, que versa sobre os limites e as possibilidades dos estudos de Perfil, um ponto que desejamos abordar agora.

É de conhecimento geral que o desenvolvimento de perfis sócio-econômicos é prática corriqueira em várias instâncias: universidades, secretarias, ministérios, prefeituras etc. A justificativa para tal é a caracterização de uma determinada população a partir de critérios estabelecidos como, por exemplo, idade, renda familiar, tipo de ensino médio cursado etc. Desses dados, que anteriormente denominamos objetivação, podemos observar como a população estudada se distribui, obtendo variadas frequências estatísticas. Na UFMG, o Perfil oficial e os que são feitos dentro de cada curso seguem esta lógica: o que se chama de Perfil dos estudantes é a mera corroboração com frequências estatísticas, sendo o trabalho um exercício de pleonismo, isto é, descrever o que a estatística por si só já diz. Ou seja: um perfil descritivo, fotográfico, paralisado na coleta de dados, pois ele é construído terminantemente a partir das perguntas do questionário e dos resultados estatísticos. Nossa posição e, por conseguinte, o Perfil por nós elaborado, é a de que este é um trabalho limitante que não esgota as possibilidades heurísticas advindas com a análise dos dados, juntamente com o uso de metodologias qualitativas e, principalmente, um melhor tratamento teórico do tema.

O Perfil a ser proposto segue uma premissa teórica que opera a partir de uma inversão ló-

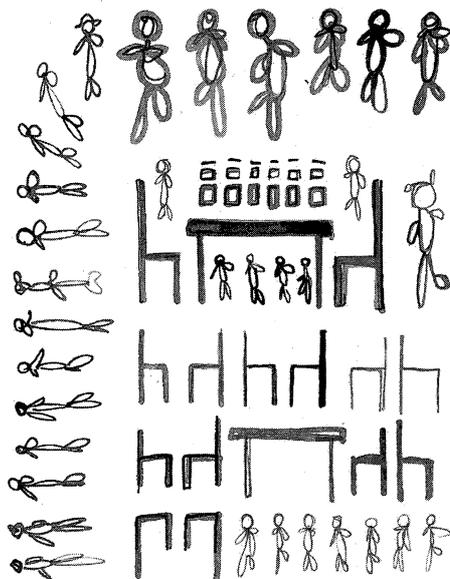
gica do norte orientador dos outros estudos de perfil, uma vez que, para nós, não é a estatística que cria o perfil, este, pelo contrário, é que cria a frequência estatística. Esse ponto necessita uma maior explicitação. O que defendemos aqui é a seguinte hipótese: os estudantes aprovados no vestibular comungam de fatores que (de cunho social, simbólicos) os tornam diferenciados a ponto de conseguirem sucesso em um exame e os unem em um curso de graduação.

Desta forma, o grande problema dos estudos de perfis anteriores é não possuir uma premissa teórica a tratar com os dados estatísticos, possuindo apenas uma análise descritiva de estatísticas, reiterando, assim, como dito anteriormente, aquilo que podemos chamar de *doxa* acadêmica. Portanto, nosso objeto é uma série de indivíduos que, sendo já previamente selecionados, estão inseridos em um contexto social de valorização da educação e que possuem inscritos em seu ser social o reconhecimento destes valores, inculcado em instituições de ensino e na família. O desafio aqui, representado pelo nome de Perfil, é delimitar este universo valorativo anterior à Universidade que coloca uma parcela ínfima se digladiando por vagas em uma instituição de ensino superior.

Podemos observar no vestibular a operação de duas seleções: a primeira é facilmente observada, ao tomarmos em conta o reduzido número de inscrições, tendo em vista a totalidade de formandos do segundo grau; a segunda, podemos dizer, é o vestibular em si, ou seja, a seleção, através de exame, dos estudantes. Uma vez que tratamos de alunos já na Universidade, nosso foco é evidenciar os critérios desta seleção primeira, já que sua ação se mostra como selecionadora dos prováveis futuros universitários. Aqui se inicia uma divisão dentre aqueles que entrarão na UFMG: primeiramente, os futuros universitários, que possuem características que os colocam em relação de intimidade com o vestibular; segundo, os prováveis futuros universitários, que não possuem tais características, e disputam entre si, sendo o fator da aprovação tributado a vários elementos, que não serão tratados aqui. Para o entendimento de um sistema como o vestibular, isto é, os mecanismos sociais que operam em seu funcionamento,

devemos nos ater à normalidade e evidenciar as condições de possibilidade dessa. Portanto, ao usarmos a expressão "futuros universitários", nos referimos àqueles estudantes que possuíram as condições de possibilidade que favoreceram um sucesso no vestibular sem mais traumas; um estudante cujo sentido dado ao vestibular é algo mais do que um concurso, é um curso natural, que se segue ao término do Ensino Médio e para o qual vem sendo preparado ao longo de seu percurso educacional. Podemos entrever uma relação mais livre, longe das amarras das preocupações práticas do cotidiano, um universo à disposição da manifestação da condição de possibilidade, que é a própria função teleológica da mesma: a escolha de um determinado curso, geralmente não muito distante das disposições manifestadas nas condições de possibilidade do percurso.

Ao observar os vestibulandos, alguns autores, Braga *et al* (2001), Ferreira *et al* (2000) e Ferreira, (2003) se esforçam para mostrar a causa do sucesso no vestibular: maior renda, maior capital cultural, estes fatores unidos, aspectos cognitivos, aspectos de classe etc. A literatura é vasta e difusa, sempre buscando a causa de um efeito; aqui, os fatores do sucesso no vestibular. Temos aqui um problema que estes autores tiveram que se deparar e o negaram: de fato, temos causas e um efeito que se dá em um tempo determinado; porém, esses são produtos de tempo anteriores, que chamamos as condições de possibilidade dos futuros universitários e que dificilmente são apreendidos a partir de perguntas "tradicionais" em perfis de estudantes como o local do ensino médio (rede pública ou privada), grau de instrução dos pais, etc. Analisar os vestibulandos em sua manifestação última, o efeito de uma causa, é corroborar com a facilidade teórica que só mostra o que já sabemos. É de mais proveito evidenciar as condições de possibilidade dessas causas e efeito, isto é, o substrato do qual emergem os futuros universitários; ao prestar vestibular estes já são o efeito de várias causas, já foram selecionados, sendo sua compreensão um exercício que nos remete a um tempo anterior, o tempo da "primeira" seleção. Portanto, são nas condições de possibilidade dos futuros universitários que encontraremos o seu Perfil; nessas



que observamos um percurso, que dará sentido a um concurso e à escolha de um curso específico.

Com isso não queremos invalidar a estatística, nem os estatísticos ou sociólogos que utilizam desse instrumento para construção de seus argumentos. Pelo contrário, pretendemos, apenas, elucidar que para compreender o perfil de estudantes universitários é necessário voltar o olhar para momentos anteriores ao vestibular e às características que um aluno carrega no dia da inscrição desse concurso. Para isso, é muito importante munir-se de outros "instrumentos", uma vez que essas características derivam de sutilezas que dificilmente aparecem em perguntas fechadas de um questionário.

Até o momento, ficou evidente que o Perfil do estudante não é a compilação estatística que muitos o fazem crer, mas sim, um complexo quadro de condições de possibilidade que o enseja: os futuros universitários, desse modo, comungam de um Perfil, esse, como visto, será evidenciado na medida em que as condições de possibilidade se manifestam. Isso não significa que o Perfil existe naturalmente. Ele também é um construto do pesquisador, mas que deve ser buscado nas tais condições de possibilidade do indivíduo perante o concurso do vestibular. O que torna um estudante um futuro universitário? Passemos a este ponto.

Observemos esta idéia:

"... o estudante típico que ingressa na UFMG pode ser identificado como sendo de classe média, cursou ensino médio diurno não-profissionalizante, é solteiro, declara-se da raça branca, ingressou na UFMG pouco depois de concluir o ensino médio, reside em Minas Gerais e pelo menos um de seus pais tem formação superior" (BRAGA & PEIXOTO, 2006, p23).

Acreditamos estar aqui o Perfil pleonástico dos estudantes da UFMG, exemplificado numa cadeia de características que compõem a maioria do seu alunado. Assim, probabilisticamente, os que estiverem emoldurados neste compêndio, possuem grandes chances de se tornarem futuros universitários. Entretanto, acreditamos, como o fizemos por mostrar, que esta compilação estatística não nos mostra as condições de possibilidade e, é claro, isso escapa às análises de Braga & Peixoto. A questão a ser colocada, para maior compreensão deste sistema do vestibular, é simples: observando as análises de Braga, reduzindo-a a sua forma menor, cabe indagar por que a UFMG possui um "estudante típico"? Ou, por que são essas as características do estudante típico da UFMG e não outras? Pensando nos termos da admissão na UFMG, o que Braga & Peixoto nos mostram é, podemos dizer, aquele estamento que possui as condições de possibilidade para a aprovação no vestibular. Cabe indagar como é formado esse estamento de futuros universitários e que fatores o compõem como diferenciado, isto

é, previamente aprovados. Portanto, se há um estudante típico, com certeza há características homogêneas, e essas são o diferencial que se inscreve nas condições de possibilidade para um agente se tornar tal estudante. Nosso ponto é bem claro: o que vários autores negaram é o processo de formação do estudante típico, buscando em variados fatores que o torna um, em momentos diversos e imediatos; porém o estudante típico é uma manifestação temporal que conta com as primeiras condições de possibilidade. Passemos à explicitação de nossas posições a partir de um estudo de caso realizado no Programa de Monitoria de Graduação da Faculdade de Educação da UFMG com o objetivo de traçar o perfil dos calouros de Pedagogia no ano de 2008. Com esse objetivo foi aplicado um questionário que foca em três frentes, a saber, o indivíduo, a família e situação escolar. Com os resultados desse questionário, foi possível selecionar algumas pessoas para a entrevista aberta, semi estruturada, com o objetivo de compreender melhor os meandros que levam um indivíduo a passar no vestibular. Para isso foram feitas perguntas sobre o relacionamento da pessoa com os pais, com os colegas da escola, com os amigos, além de perguntas sobre a reação da família após o insucesso no vestibular (para o caso de pessoas que foram reprovadas em algum vestibular).

A partir da análise destes dados, podemos pensar nossa amostra dividida em dois tipos ideais no momento do exame vestibular: os futuros universitários e os prováveis futuros universitários. Os primeiros possuem entre 18 a 20 anos, passaram ao primeiro, ou segundo, exame vestibular e são provenientes da escola privada. Por sua vez, os segundos possuem 21 anos ou mais, tentaram outros cursos antes de Pedagogia e cursaram escola pública. Essa tipologia é importante, pois nos dá maior poder explicativo, uma vez que os futuros universitários são mais próximos do "aluno típico" da UFMG de Braga & Peixoto, porém os prováveis futuros universitários, hoje são também alunos da mesma universidade. Cabe lembrar que trabalhamos com a caracterização do censo da UFMG, uma vez que é clara a sua constatação do "aluno típico". Portanto, nosso estudo se mostra como a análise de um caso, mostrando a regularidade em um curso que pelo mesmo censo é dito como mais abrangente socialmente. Dessa maneira, observamos que no vestibular existem alunos para os quais o exame é um percurso natural com sucesso ao fim do Ensino Médio e outros que possuem um percurso com mais obstáculos, que vão desde sucessivos insucessos na tentativa de ingressar em outros cursos à anos de escolaridade interrompida.

As tabelas abaixo foram extraídas da pesquisa referida acima que buscava delimitar características sócioeconômicas dos estudantes calouros de Pedagogia, que entraram na Universidade no segundo semestre de 2008. Como foi salientado, realizamos essa pesquisa enquanto uma das atribuições do Programa de Monitoria de Graduação

da FAE/UFMG. Fonte: Pesquisa realizada pelos próprios pesquisadores durante o segundo semestre de 2008. Todas as tabelas dizem respeito aos dados coletados nesta pesquisa.

Sexo	Frequência	Percentual
Masculino	2	3,3
Feminino	58	96,7
Total	60	100

Fonte: Pesquisa Perfil dos Estudantes de Pedagogia 2008/2 DE-CAE-FAE-UFMG

Idade	Frequência	Percentual
18	11	18,3
19	15	25
20	8	13,3
21	3	5
22	4	6,7
23	5	8,3
25	2	3,3
26	3	5
28	1	1,7
33	1	1,7
34	2	3,3
37	1	1,7
39	1	1,7
50	1	1,7
52	1	1,7
67	1	1,7
Total	60	100

Fonte: Pesquisa Perfil dos Estudantes de Pedagogia 2008/2 DE-CAE-FAE-UFMG

IDADE	Quantidade de anos que tentou ingressar em um curso superior					Total
	1	2	3	Mais de três		
18	11	0	0	0	11	
19	7	8	0	0	15	
20	1	6	1	0	8	
21	0	0	3	0	3	
22	0	0	3	1	4	
23	0	1	4	0	5	
25	0	1	1	0	2	
26	1	1	0	1	3	
28	0	0	1	0	1	
33	0	0	0	1	1	
34	1	0	0	1	2	
37	1	0	0	0	1	
39	0	1	0	0	1	
50	0	0	0	1	1	
52	0	1	0	0	1	
Total	22	19	13	5	59	

Fonte: Pesquisa Perfil dos Estudantes de Pedagogia 2008/2 DE-CAE-FAE-UFMG

Idade	Tipo de escola que cursou, integralmente ou na sua maior parte, o Ensino Médio					Total
	Publica Federal	Publica Estadual	Publica Municipal	Federal		
18	1	2	0	8	11	
19	1	6	1	7	15	
20	0	1	1	6	8	
21	0	2	0	1	3	
22	0	3	0	1	4	
23	1	3	0	1	5	
25	0	1	1	0	2	
26	0	2	1	0	3	
28	0	1	0	0	1	
33	1	0	0	0	1	
34	0	1	0	1	2	
37	0	0	0	1	1	
39	0	1	0	0	1	
50	0	0	0	1	1	
52	0	1	0	0	1	
67	0	1	0	0	1	
Total	4	25	4	27	60	

Fonte: Pesquisa Perfil dos Estudantes de Pedagogia 2008/2 DE-CAE-FAE-UFMG

Tendo explicitado este ponto, fica claro que a idéia de aluno típico não nos ajuda, já que ela se refere à maioria dos alunos, mas não explica seu porquê, e deixa uma série de alunos como "atípicos", ou melhor, sem explicação nenhuma, pois se eles não apresentam as características que "favorecem" o sucesso no vestibular, por que eles obtiveram êxito? Faz-se necessário, agora, evidenciar o que queremos dizer por condições de possibilidade.

A melhor maneira de delimitar as condições de possibilidade é trazer à tona suas partes constituintes: a *illusio* e o tempo livre. Desde já salientamos que há diferenças qualitativas nas condições de possibilidade dentre as tipologias, isto é, os futuros universitários as apresentam em maior grau do que os prováveis futuros universitários. A *illusio* é um conceito elaborado por Pierre Bourdieu em algumas passagens de sua obra, com o intuito de relacionar o agente, seu *habitus* e a ação em um campo específico, através de um sentimento de pertencimento, no qual o conhecimento é uma relação de reconhecimento. Os agentes em determinados campos se sentem confortáveis e hábeis para agir, desenvolvem a disposição para a ação, ou em analogia com o jogo, como o faz Bourdieu, "estar preso no jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena, ou para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar" (BOURDIEU, 1996, p. 139). A *illusio*, desta forma, delimita o espaço social de atuação de um agente. Conforme a analogia nos mostra, para jogar é preciso es-

tar imbuído da regra, essa delimitando a forma de ação, de movimento, para determinada situação. Uma passagem um pouco mais extensa nos mostra perfeitamente essa relação:

*"Cada campo (religioso, artístico, científico, econômico etc.), através da forma particular de regulação das práticas e das representações que impõe, oferece aos agentes uma forma legítima de realização de seus desejos, baseada em uma forma particular de *illusio*. É na relação entre o sistema de disposições, produzido na totalidade ou em parte pela estrutura e o funcionamento do campo, e o sistema das potencialidades objetivas oferecidas pelo campo que se define em cada caso o sistema de satisfações (realmente) desejáveis e se engendram as estratégias razoáveis exigidas pela lógica imanente do jogo (que podem estar acompanhadas ou não de uma representação explícita do jogo)" (idem, 1996a, p.259).*

Esta passagem é de crucial importância para nossa argumentação. Ao colocarmos que não poderíamos pensar o estudante imediatamente, buscando sua composição em vários tempos, objetivamos evidenciar que sua construção é paralela à incorporação da regras do jogo educacional, que ao longo dos anos vai criando "satisfações desejáveis". O percurso é um aprendizado da regra do jogo, e o vestibular é uma manifestação desta *illusio*, e como tal, possui sua maneira correta de ser jogado; para o sucesso o agente deve dispender de algumas estratégias, as quais já são manifestadas devido ao longo período de treino, como algumas entrevistas realizadas na segunda etapa da pesquisa nos deixam entrever:

Um futuro universitário...

P: Por que você quis fazer vestibular?

R: Por que eu quis fazer? Pra mim é uma, como é que eu posso falar assim? Como se fosse um complemento sabe? Eu teria que terminar o terceiro ano e fazer o vestibular como se fosse algo, tipo assim, obrigatório. Para mim, eu e meus pais, tava muito colocado que eu teria que fazer o vestibular de qualquer maneira.

P: Nenhuma outra opção?

R: Não. Por os meus pais terem feito pós-graduação tudo, lá em casa era obrigatório, uma coisa que estaria assim como indispensável.

P: Desde quando eles já falavam disso?

R: Olha... Eu não sei, mas minha mãe sempre falou, não sei desde quando, mas eles sempre falaram. A gente até passava aqui [UFMG] na porta, ela falava: "Vocês vão estudar aqui. Vocês têm que fazer de tudo para estudar aqui, porque aqui é melhor".

P: Por que você tentou Pedagogia?

R: Olha, igual eu falei lá na sala, eu não tinha isso na cabeça de fazer pedagogia. Eu fiquei bem assim... Eu tinha preconceito com relação ao curso. Mas, eu fiz no segundo ano um teste vocacional e ficou muito voltado para essa área. Aí eu comecei a pesquisar as outras profissões mesmo, "eu acho que é isso mesmo que eu quero". Mas eu acho que é fácil, porque Educação é uma área que está precisando mesmo de gente que realmente queira atuar nesta área, para contribuir. Eu queria né... Eu quero fazer o curso para contribuir com alguma coisa, não quero ser uma pedagoga qualquer.

P: Você tem familiares na faculdade?

R: Eu tenho uma prima que faz Ciências Sociais em Ribeirão Preto, um primo meu tentou aqui Ciência da Computação, mas não passou, aí ele fez no Espírito Santo. Porque da família do meu pai é só mais velho, mas todos os meus tios fizeram, fizeram pós, na família da minha mão também. Por isso que eu falei, isso pra mim é uma cobrança.

Um provável futuro universitário...

P: A primeira pergunta que gostaríamos de saber, e você pode explorar ela, é a seguinte: por que você tentou o vestibular?

R: Porque eu sempre quis estudar na UFMG. Apesar de eu não estar no curso que queria inicialmente. Eu queria prestar vestibular para Medicina. Eu tentei dois vestibulares para Medicina, aí como eu não passei resolvi mudar para a área de Educação. Aí passei para a Pedagogia. Mas é por isso. Eu sempre quis ter uma formação acadêmica, pra mim isso é muito importante e é isso.

P: Então nesse momento você tinha essas duas opções, a Medicina e a Pedagogia, a informação da Pedagogia vem de onde?

R: Na verdade eu li muito sobre isso, antes de escolher. Olhei até a revista Diversa, eu olhava a grade curricular, pra ver se tinha disciplinas que me interessavam. Aí vi que tinha história, que gosto muito, Psicologia, que eu também gosto muito, por isso que eu escolhi. Eu não escolhi aleatoriamente e fiz inscrição. Eu lia antes, tanto que eu lembro: eu falei não vou fazer mais Medicina, e fiquei pensando que eu vou fazer agora? Aí pensei em Pedagogia, na área de Educação, e comecei a ler. Aí foi de janeiro a agosto um dilema: o que eu vou fazer? Aí optei por Pedagogia.

Como observado, nas duas tipologias observamos uma disposição criada e uma intenção: fazer o

vestibular e o curso de Pedagogia. Porém, o que nos interessa aqui é a formação desta *illusio* que temos falado, uma vez que a escolha do curso abarcou fatores muito diversos e difusos, como mostram as entrevistas. Outro ponto é que a disposição criada é a mesma e assim podemos delimitar bem o que é o estudante. A primeira tipologia envolve uma relação mais íntima com o vestibular, já que os agentes sempre foram familiarizados com a Universidade em questão, deixando explícita a continuação do percurso até a mesma com certa naturalidade. Observamos que grande parte da contribuição dessa *illusio* vem da família, objetivo tornado estilo de vida, favorecendo a disposição para o jogo ao qual é treinado. A segunda tipologia mostra semelhante grau de anseio acadêmico, porém a relação de dúvida entre dois cursos evidencia um menor investimento dessa *illusio*. De qualquer forma, baseando-se na discussão anterior, o que nos interessa acerca da *illusio* é a incorporação das regras do jogo, o reconhecimento, criando uma disposição para agir e uma forma de vida, isto é, um percurso ao qual o agente está familiarizado e poderá, como o diz Bourdieu, tornar uma necessidade em virtude. Para delimitar bem a formação da *illusio*, devemos observar a trajetória escolar dos agentes, uma vez que ela representa um esforço para a perfeita continuação do percurso e possui uma relação íntima com o esforço familiar:

Futuro Universitário...

P: Na sua escola outras pessoas tentaram o vestibular?

R: Eu tenho a impressão que todos tentaram, alguns saíram da escola. Poucos passaram aqui, aí têm alguns que está fazendo cursinho.

P: A maioria tentou na Federal?

R: Sim.

P: Você fez cursinho?

R: Fiz pra segunda etapa, foi um mês no Cursinho 1 (Cursinho que vem se destacando pelo elevado número de alunos aprovados na UFMG).

P: Papel da escola para o vestibular?

R: No Ensino médio eu não sei não, se preparou muito bem não sabe? Eu tava assim, muito descrente que eu fosse passar. Eu acho que eu passei na primeira etapa bem,

porque eu fui fazer prova muito tranqüila, não tinha perspectiva nenhuma que ia passar. Geralmente ninguém passa no Terceiro Ano (do ensino médio), eu sou uma pessoa muito nervosa, no dia da Federal eu fiquei tão calma que eu consegui pensar para analisar as questões, então eu fui bem. Depois da prova minha mãe já sabia que de acordo com as respostas... Foi por isso, mas eu achei o terceiro ano assim muito... Eu fiquei um pouco confusa sabe? Pelo fato de ter que sair da escola, deixar os amigos, uma fase de transição, o terceiro ano eu achei muito complicado, um período muito estressante.

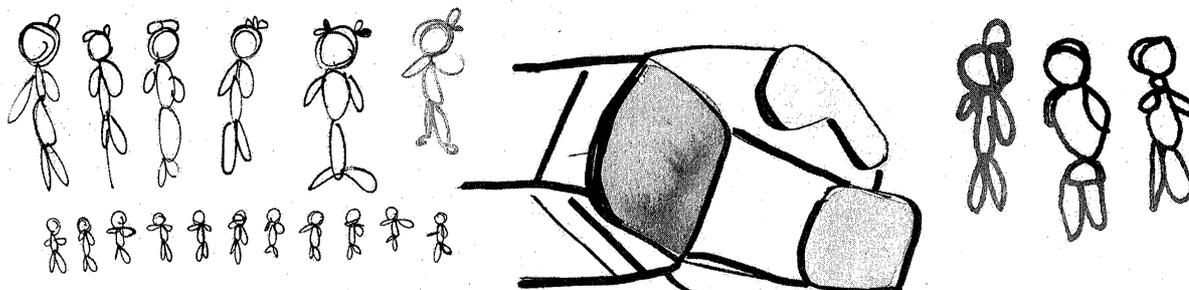
P: No terceiro ano você não trabalhou, e seus pais...

R: A gente não tem dificuldade financeira, a gente é de classe média. Meu pai aposentou agora, ele era bancário. Minha mãe é administradora, mas também não trabalha, pós-graduada mas não trabalha. A gente não tem dificuldade, a gente tem uma vida, não é assim muito luxo, mas meu pai dá conta de pagar as coisas. Ele preferiu que eu estudasse.

P: Se não passasse, poderia ficar mais um ano estudando?

R: Não, eles não queriam. Eles optaram, eu fiz outras faculdades. Eu passei na Faculdade de Pedagogia Privada e eles já tinham feito até a matrícula, caso eu não passasse aqui eu ia fazer lá. Pedagogia voltada para a área empresarial. Eu ainda não sei o que quero. Eu gosto muito da área de educação infantil, mas tenho interesse de trabalhar com pedagogia empresarial. Se eu não passasse aqui eu ia começar o curso de pedagogia empresarial e depois fazer outro curso para complementar, porque o que me interessa mais é educação infantil, trabalhar em escola.

Esta entrevista, referente à primeira tipologia revela pontos interessantes sobre os futuros universitários: proveniente de uma escola da rede privada, o agente conviveu com outros alunos que estavam no mesmo percurso, portanto o papel da escola como instituição de agregação lógica se faz presente. Outro ponto de destaque é a relação íntima com o exame, revelando o aspecto de desinteresse interessado característico da *illusio*.



Provável futuro universitário

P: Você poderia falar para nós sobre sua trajetória escolar.

R: Eu fiz ensino fundamental e médio no mesmo colégio, Escola Estadual, que fica no centro de Belo Horizonte. Eu não achava o colégio muito bom. Acho que a estrutura do colégio era muito pobre para os alunos. Nem preparava a gente pro vestibular não. Mas, a base que tive pra prestar os vestibulares foi os cursinhos.

P: Qual cursinho você fez?

R: Cursinho 2 (Cursinho este relativamente mais caro do que o Cursinho 1) e Cursinho 1. E a preparação da segunda etapa desse ano eu fiz no Cursinho 3 (Escola tradicional de Belo Horizonte). Pra todos vestibulares eu fiz cursinho. Foram dois anos no Cursinho 2 e o último no Cursinho 1. No turno diurno. Só fiquei por conta de estudar, porque eu nunca trabalhei.

P: Você tentou vestibular logo depois que formou?

R: Não, eu dei um tempo de um ano. Formei e aí, em 2004, eu não fiz nada.

P: E dessa sua turma de terceiro ano muitos tentaram?

R: Que eu tenho conhecimento foram três, mas em outras instituições.

P: Em comparação com os seus colegas, por que vocês tentaram e os outros não?

R: Eu não gosto de ficar formando concepção sobre as pessoas, mas você via quem tinha interesse e quem não tinha. Professor tá dando aula, a pessoa tá conversando, aquela mente infantil, tacando bolinha de papel. Acho que tá ligado a uma questão de interesse e não de incentivo. Todo mundo queria concluir o segundo grau pra ficar livre da escola e arrumar um emprego.

Nesta entrevista, podemos ver um diferencial de incorporação da *illusio* em relação à outra tipologia. Há uma menor incorporação, pois há um menor treinamento no sentido de determinar o caminho do percurso; porém, como vimos não há também a imposição de um percurso prático. Porém o papel da escola não é de integração lógica, mas sim de desintegração, uma vez que este agente se define de maneira negativa em relação aos outros componentes de sua classe. Seu percurso é diferente dos percursos alheios. Porém, percebemos que a Escola é importante para perfeita manifestação da *illusio*, já que o provável futuro universitário é incerto sobre qual curso tentar e perde grande tempo mudando de escolha e se educando em cursinhos.

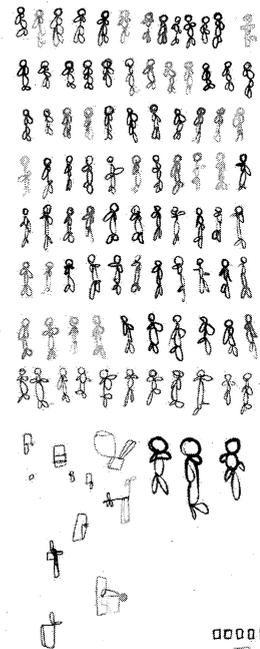
Acreditamos ser central a noção de *illusio*, para escaparmos das explicações do sucesso no

vestibular a partir de dois pontos incomunicáveis: o mérito individual ou a ação de um suposto capital cultural. Com a *illusio* observamos que o mérito individual é fruto de uma trajetória social, que contém variados graus de investimento em capital cultural, esse sendo representado, em maior evidência, como tentativa (na maioria das vezes atingida) de adentrar à Universidade. Assim, ao contrário do que muitos atestam, a Universidade é um ponto de ganho de capital cultural, sendo sua aquisição determinada pelo maior ou menor grau de incorporação da *illusio* que historicamente essa instituição requer dos agentes.

As idéias até aqui expressas nos remetem para a segunda parte das condições de possibilidade. A *illusio* se efetiva, tornando-se uma forma de vida, tão somente quando o agente possui tempo livre para tal. Um denominador comum ressaltado nas entrevistas, e evidenciado nas estatísticas é que a maioria dos agentes não trabalha ou nunca trabalhou. É no tempo livre, fora das amarras da vida cotidiana que a *illusio* do futuro universitário o conduz ao percurso do "aluno típico".

Situação de trabalho em atividade remunerada	Frequência	Percentual
não trabalha	41	68,3
trabalha até 20 horas por semana	6	10
trabalha mais de 20 horas por semana	12	20
Total	59	98,3
Não respondeu	1	1,7

Fonte: Pesquisa Perfil dos Estudantes de Pedagogia 2008/2 DE-CAE-FAE-UFMG



		não trabalha	até 20 horas por semana	mais de 20 horas por semana	Total
Idade	18	8	2	1	11
	19	11	2	2	15
	20	5	1	2	8
	21	3	0	0	3
	22	3	0	1	4
	23	3	1	1	5
	25	0	0	2	2
	26	2	0	1	3
	28	1	0	0	1
	33	0	0	1	1
	34	2	0	0	2
	37	0	0	1	1
	50	1	0	0	1
	52	1	0	0	1
	67	1	0	0	1
Total	41	6	12	59	

Fonte: Pesquisa Perfil dos Estudantes de Pedagogia 2008/2 DE-CAE-FAE-UFMG

Quanto aos prováveis futuros universitários, o tempo livre não é aproveitado ou até mesmo não existe, para o percurso da *illusio*, como ficou mostrado na entrevista, na qual o agente relata ter ficado um ano "sem fazer nada". A *illusio* é determinada na medida em que existe tempo livre para tal, e esse é preenchido por ela. O ponto forte do tempo livre é relegar ao agente uma forma de vida única, que só é possível com a renúncia a outras atividades ou ao exercício diletante dessas. O percurso determinado raramente se desvia, se caso

sim, ou rapidamente se endireita o fluxo ou a falta de sentido conferido a outros objetos da intencionalidade, devido a falta de treinamento, transforma o agente explorador aventureiro em filho pródigo.

Portanto, há uma íntima ligação entre *illusio* e o tempo livre, mostrando as condições de possibilidade que criam o "aluno típico" e o que torna outros menos "típicos" ou, até mesmo, "atípicos". Por outro lado, acreditamos serem falhas as análises que naturalizam (bem diferente de incorporação) o capital cultural, como algo que deve ser analisado através de uma posse sincrônica, no momento de um teste, e não um dinâmico processo social, com um sentido que não se esgota em momento deliberado da análise. O que queríamos mostrar com as condições de possibilidade foi justamente uma prévia seleção simbólica, um processo com uma linguagem que poucos podem entender, devido a um exausto treinamento incorporado; um processo de seleção que não se resume ao olhar sincrônico sem retrospectiva de alguns pesquisadores, mas sim, uma evidência de como são as raízes da maneira de construção da percepção de certos agentes, um princípio de visão e divisão, como diz Bourdieu.

Outro ponto foi a evidência de um aspecto pouco debatido, talvez por inconveniência ou desconhecimento, mostrando que um fator alarmante é a evidente desigualdade simbólica: o que assistimos foi a cega alegria de uma afinidade eletiva entre uma forma de vida e uma instituição, entre um discurso e uma *práxis*, entre uma *illusio* e um privilégio. Espetáculo esse onde todos pensam ser o ator principal e o final é sempre feliz; ao protagonista privilegiado por ser quem ele é, a glória e a alegria de ser quem foi designado para ser. Não estamos dizendo que a Universidade é um todo homogêneo, mas sua seleção tende a favorecer os homogêneos de um todo.

Submetido em Março de 2009
Aprovado em Junho de 2009

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ana. (2003). "Ultrapassando o pai. Herança cultural restrita e competência escolar" in: *Família e escola*. NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, Nadir (Orgs). Vozes 2. ed.
- BOURDIEU, Pierre. (1996), *Razões práticas : sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Correa. Campinas, Papirus.
- _____. (1996a), *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo, Companhia das Letras.
- BRAGA, Mauro Mendes; PEIXOTO, Maria do Carmo L.; BOGUTCHI, Tânia F. (2001), "Tendências da demanda pelo ensino superior: estudo de caso da UFMG". *Cad. Pesqui.* São Paulo, n.113, jul. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000200007&lng=pt&nrm=iso. Acessado entre 01/12/2008 a 05/03/2009
- BRAGA, Mauro & PEIXOTO, Maria do Carmo L.. (2006), *Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- CICOUREL, Aaron V. (1964). *Method and measurement in sociology*. London: Free Press of Glencoe, Collier-Macmillan.
- FERREIRA, R. A.; PERET FILHO, L. A.; GOULART, E. M. A.; VALADAO, M. M. A. (2000) "O estudante de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais: perfil e tendências". *Rev. Assoc. Med. Bras.* Vol.46, n.3. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010442302000000300007&lang=pt. Acessado entre: 01/12/2008 a 05/03/2009.
- FERREIRA, Marcelo Costa (2003). Consumo cultural e espaços sociais: os vestibulandos das universidades públicas na cidade do Rio de Janeiro, 1990. *Opinião. Publica* [online], vol.9, n.1, pp. 170-189. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762003000100007&lang=pt. Acessado entre: 01/12/2008 a 05/03/2009